

TERRITÓRIOS INDÍGENAS E CONFLITOS POLÍTICOS: DESAFIOS PARA UMA PRE- SENÇA MISSIONÁRIA ENTRE O POVO INDÍ- GENA MISKITO

Ms. Pe. Enrique Alagarda Nacher

RESUMO

Este artigo apresenta a pesquisa realizada para a obtenção do Mestrado em Teologia Dogmática, com concentração em Missiologia, sobre o título: TERRITÓRIOS INDÍGENAS E CONFLITOS POLÍTICOS: DESAFIOS PARA UMA PRESENÇA MISSIONÁRIA ENTRE O POVO INDÍGENA MISKITO. Partindo do princípio de que só de uma missiologia encarnada em um lugar podemos contribuir com uma missiologia Católica e ecumênica, a dissertação centra-se num coletivo, num lugar e num momento histórico determinado: a presença missionária entre o povo indígena miskito de Honduras, em nossos dias. Como eixo central tem o núcleo terra/território, e toda a problemática político-cultural-religiosa que vai unida ao mesmo, especialmente no caso dos povos indígenas.

Palavras-Chave: Missão, Pastoral Indigenista, Território Indígena, Inculturação, Povo Miskito

ABSTRACT

This article presents the research realized for the acquisition of the Master Degree in Dogmatics, with focus in Missiology, on the title: TERRITÓRIOS INDÍGENAS E CONFLITOS POLÍTICOS: DESAFIOS PARA UMA

PRESENÇA MISSIONÁRIA ENTRE O POVO INDÍGENA MISKITO. Starting from the beginning of just one incarnated missiology , in a place where we can contribute with a Catholic and ecumenical missiology the written essay is centered in the collective and in a determined historical moment: the missionary presence amongst the Miskito native people of Honduras, in our days. As central point it has a core earth/territory, and all the political-cultural-religious problematic which is connected to it, specially in the case of the indigenous people.

Key Words: Mission, Pastoral of the indigenous people, Inculturation, Miskito People

INTRODUÇÃO

A Igreja é missionária por natureza¹. A missão não é apenas uma dimensão restrita a uma parte dos seus membros ou a algumas de suas atividades. Partindo dessa convicção, foi realizado o trabalho de pesquisa para a obtenção do Mestrado em Teologia Dogmática, com concentração em Missiologia, intitulado: TERRITÓRIOS INDÍGENAS E CONFLITOS POLÍTICOS: DESAFIOS PARA UMA PRESENÇA MISSIONÁRIA ENTRE O POVO INDÍGENA MISKITO. A pesquisa realizada é uma contribuição à problemática em que está envolto o novo paradigma missionário “ecumênico emergente” e, também, à pastoral indigenista da Igreja. Partindo do princípio de que só de uma missiologia encarnada em um lugar podemos contribuir com uma missiologia Católica e ecumênica, a dissertação centra-se num coletivo, num lugar e num momento histórico determinado: a presença missionária entre o povo indígena miskito de Honduras, em nossos dias. Como eixo central tem o núcleo terra/território, e toda a problemática político-cultural-religiosa que vai unida ao mesmo, especialmente no caso dos povos indígenas. A conclusão deste estudo, tal como será salientado neste artigo, é apresentada em forma de desafios, tendo como referência a realidade atual da presença missionária da Igreja Católica entre o povo miskito.

¹ Cf. CONCILIO VATICANO II. *Ad Gentes*. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja, 1965, 2; JUAN PABLO II. *Redemptoris Missio*. Encíclica sobre a permanente validade do mandato missionário, 1990, 1; CELAM. *Santo Domingo*. IV Conferencia Geral do Episcopado Latino-americano, 1992, 12.

1. PRESSUPOSTOS MISSIOLÓGICOS

É fundamental, para um correta compreensão do tema, apresentar os pressupostos missiológicos que estão na base da linha de pesquisa seguida. Em primeiro lugar, parte-se da premissa que atualmente estamos vivendo um momento de mudança de paradigma missiológico, entendendo esta expressão, *mudança de paradigma*, no sentido como o faz Hans Küng, ao dividir a história do cristianismo em seis paradigmas². Küng toma a noção de paradigma de Thomas Khun, físico e historiador da ciência, que na sua teoria da evolução do pensamento científico o define como: “toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc., compartilhada pelos membros de uma determinada comunidade”³. Küng usa esse conceito no sentido de ‘modelos de interpretação’. Para Küng, cada um destes períodos revela uma compreensão peculiar da fé cristã. Esta mesma teoria é aplicada por David J. Bosch, no campo da missiologia, acrescentando que cada período oferece uma compreensão distintiva da missão cristã⁴.

David J. Bosch, como teólogo da missão, defende que no momento atual está acontecendo uma mudança de paradigma missionário, denominando o novo paradigma como “pós-moderno” ou “paradigma ecumênico emergente”. Infere-se que, nestes tempos, a questão missionária se encontra como ao interior dum “nevoeiro”⁵, que não deixa ver com clareza os caminhos a seguir ou, em palavras do próprio Bosch, também pode ser qualificada como uma situação de “crise”⁶, a qual pode ser entendida como “perigo” e como “oportunidade”; isto é, não como final de um trajeto, mas como ponto de partida, onde os caminhos da missão podem tomar diferentes direções. Diante deste desafio, é de suma importância salientar a necessidade de

² Segundo H. Küng “pode subdividir-se toda a história do cristianismo em seis grandes ‘paradigmas’ que são os seguintes: 1. O paradigma apocalíptico do cristianismo primitivo; 2. O paradigma helenístico do período da patrística; 3. O paradigma católico romano medieval; 4. O paradigma protestante (da Reforma). 5. O paradigma moderno do iluminismo; 6. O paradigma ecumênico emergente”. In: BOSCH, David J. *Missão transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo-RS: Editora Sinodal, 2002, p. 227-228

³ Ibid. p. 231

⁴ Ibid. p. 228

⁵ SUESS, Paulo. Nevoeiro no cenário da missão. Novas tendências e recentes documentos eclesiais. *Análise crítica. Concilium*. n. 252. p. 119-133. 1994

⁶ BOSCH, David J. *Missão transformadora...* p. 19

refletir sobre o passado, olhando para ele como se fora uma bússola que orienta o caminhar da missão no futuro.

Num segundo passo, é necessário aproximar-se ao conceito de *missão*, a sua origem trinitária⁷, ao novo uso dado por Ignácio de Loyola e a sua contaminação na época colonial (século XVI), onde o envio missionário da Igreja se ligou à expansão europeia ao redor do mundo, tal como o define D.J. Bosch:

A nova palavra missão vincula-se, historicamente, de forma indissolúvel à época colonial e à idéia de uma incumbência magisterial. O termo pressupõe uma Igreja estabelecida na Europa que enviava delegados para converter os povos de ultramar; expressa, assim, um fenômeno anexo à expansão europeia⁸.

No momento atual, em que este paradigma de missão – sem ter desaparecido em sua totalidade – está sendo substituído pelo novo paradigma “ecumênico emergente”, não é mais possível definir a missão como uma simples propagação da fé, pregação apostólica ou implantação da Igreja. Nesse sentido, faz-se necessária uma visão abrangente de missão que supere os dualismos anteriores, procurando ligar dialeticamente as dimensões transcendentais e imanentes da salvação; faz-se necessário acrescentar à filosofia, no seu papel de *ancilla theologiae*, as Ciências Sociais, desde um trabalho de reflexão interdisciplinar; faz-se necessário, em definitivo, incorporar na reflexão atual da teologia da missão todos aqueles elementos que ajudam a desenvolver uma nova visão da *missão*, livre dos erros do passado e capaz de enfrentar os desafios presentes. Uma missão entendida, simplesmente, como “a participação das pessoas cristãs na missão libertadora de Jesus, apostando num futuro que a experiência verificável parece desmentir”. Uma

⁷ A missão da Igreja participa da “*missio Dei*”, que tem sua origem no amor gratuito de Deus (cf. 1Jn 4,8.16). A raiz da missão, portanto, está na comunicação eterna do Deus Trinitário que, em sua mais íntima essência (Trindade Imanente), é amor, compaixão e liberdade (Cf. Ex 34,6); a missão é fruto do livre envolvimento de Deus na história (Trindade Econômica), que lhe leva, por meio das “missões trinitárias”, à criação do mundo, à encarnação do Filho e ao envio do Espírito Santo. O envolvimento de Deus na história tem como finalidade aperfeiçoar a mesma, levá-la à plenitude (Cf. Col 1,18-20; Ef 1,3-23).

⁸ Ibid. p. 281

missão que seja “boa nova do amor de Deus encarnado no testemunho numa comunidade em prol do mundo”⁹.

2. CONTRIBUIÇÕES PARA UMA MISSIOLOGIA CATÓLICA E ECUMÊNICA

Depois dos pressupostos missiológicos expressos anteriormente, cabem diversas perguntas: de que maneira esta dissertação pode contribuir com a análise e possíveis soluções de uma problemática tão abrangente? Como uma dissertação sobre a problemática dos territórios indígenas e a presença missionária neles pode ajudar na *crise* da missão? Podem uns desafios concretos, referentes à presença missionária no território indígena miskito, aportar luz no “nevoeiro”, sinais para os novos caminhos, da missão atual? Como resposta a estas perguntas que sirva uma frase de Dom Pedro Casaldáliga: “A palavra universal só fala dialeto”¹⁰. Do mesmo modo que no século XX o fenômeno da contextualização da teologia cristã, nas distintas realidades do mundo, tem produzido contribuições de caráter universal, também a contextualização dos problemas missiológicos atuais pode contribuir para uma reflexão mais global. É preciso que se acrescente outro motivo, seguindo o pensamento de Dom Helder Câmara¹¹: “A injustiça é uma e indivisível, atacá-la e fazê-la recuar, aqui e ali é sempre fazer avançar a justiça”. Apoiando-nos nestes dois pontos – contextualização e interligação – é que podemos afirmar que a problemática da presença missionária nos conflitos territoriais do povo indígena miskito tem, também, uma significação universal. Só a partir de uma missiologia encarnada¹², inserida num *lugar*, podemos servir e contribuir para uma missiologia católica e ecumênica. O CELAM, em Santo Domingo, confirma a necessidade de uma missiologia encarnada para América Latina, quando afirma o fato de que, também, é missão da Igreja defender “os autênticos valores culturais de todos os povos,

⁹ BOSCH, David J. *Missão transformadora...* p. 619

¹⁰ *Ibid.* p. 541

¹¹ VANTHUY NETO, Raimundo. *Dirigir almas e servir ao jeito de muitos: A missão dos beneditinos junto aos povos indígenas de Roraima – 1909/1948*. 2000. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Centro Universitário Assunção, São Paulo, p. 16.

¹² Cf. PABLO VI. *Evangelii Nuntiandi*. Exortação Apostólica sobre a evangelização, 1975, 20.

especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força esmagadora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna”¹³.

O *locus* desta dissertação, o seu ponto de partida, é o povo miskito inserido no seu território, com todas as *micro* e *macro* problemáticas anexas, com sua história e com seu processo evangelizador. A abordagem sobre ele foge duma visão puramente antropológica. Sendo assim, é válido dizer que, considerando-se a perspectiva missionária, o interesse está centrado no descobrimento da importância que o elemento terra/território tem para o povo miskito e para a tarefa missionária. No decorrer da dissertação, mostra-se como este elemento não pode ser estudado de forma isolada, mas integrado no *projeto histórico de vida* do povo indígena miskito e ligado à problemática da sua identidade e autonomia. No raciocínio, o estudo serve-se da ciência teológica e das contribuições das outras ciências como história, antropologia, sociologia...

3. MISSÃO A PARTIR DO PROJETO HISTÓRICO DE VIDA DO POVO INDÍGENA MISKITO

Por projeto histórico de vida indígena entende-se: “afirmação ética do direito inalienável que todo povo tem, de delinear e elaborar a vida no futuro segundo seus próprios esquemas e utopias”¹⁴. De forma muito sintética, vou enumerar alguns dos elementos do *projeto histórico de vida* do povo miskito, presentes no texto da dissertação:

- Percepção da ameaça da globalização neoliberal de incorporar seu território no sistema econômico mundial, o qual suporia perder a posse da sua terra e a sua autonomia como povo.

- Procura duma cidadania plena no interior do Estado de Honduras, porém, sem perder sua identidade; garantindo a necessária autonomia que lhes permita seguir sendo indígenas.

¹³ Santo Domingo 243.

¹⁴ I CONSULTA ECUMÊNICA de pastoral indigenista. Brasília, 1983. APUD: PRÉZIA, Benedito (Org.). *Caminhando na luta e na esperança*: Retrospectiva dos últimos 60 anos da Pastoral Indigenista e dos 30 anos do CIMI. São Paulo: CIMI; Cáritas Brasileira; Loyola, 2003, p. 172

- Posse de seu território como *povo*, face à intenção do governo, que deseja implementar formas individuais de propriedade.
- Passagem de uma resistência pontual diante de agressões concretas recebidas, para uma resistência e liderança constante e organizada.
- Descoberta das vias para apresentar seus valores, suas fórmulas políticas alternativas, em contraposição ao projeto *civilizador*, criando espaços de reflexão sobre a necessidade de um “novo projeto nacional hondurenho”.
- Resgate da clandestinidade das suas práticas tradicionais ancestrais. Aceitando o cristianismo como historicamente incorporado em seu projeto de vida, o povo miskito quer refletir sobre suas práticas religiosas tradicionais a partir da teologia e do diálogo inter-religioso.
- Por último, na sua visão de futuro, o povo miskito tem esperança em relação à ajuda solidária na recuperação da sua dignidade como povo, especialmente, espera receber ajuda das Igrejas.

Face a este *projeto histórico de vida* do povo miskito, tem a missiologia alguma coisa a dizer? O que a presença missionária pode aportar? A partir de um novo paradigma missionário, de uma teologia bíblica da terra, de uma teologia índia, de uma pastoral missionária encarnada e libertadora, das colocações dos documentos e experiências da pastoral indígena e indigenista, com certeza, a *missão* da Igreja tem alguma coisa a dizer e muita coisa a fazer; com tal, que o projeto da Igreja não seja alheio, paralelo ou contraposto ao projeto indígena.

4. DESAFIOS PARA A PRESENÇA MISSIONÁRIA

Em diálogo com as legítimas aspirações do povo miskito, a presença missionária da Igreja descobre importantes desafios:

1. Desafios referentes à **centralidade da vida na missão**. Para a Igreja é essencial, não optativo, responder em todas as épocas ao desafio de participar na única missão de Deus, tendo em vista o diálogo, o serviço, o testemunho e o anúncio. Portanto, para a Igreja missionária entre o povo miskito, que busca a salvação integral – individual e coletiva – deste povo indígena, missão significa comunicar-lhes um Deus que é amor, compaixão e liberdade. Uma pastoral que procura a vida em plenitude do povo miskito

precisa defender a vida e combater tudo o que a destrói. A finalidade última da missão tem que ser a vida plena do Reino para todo o povo miskito¹⁵.

2. Desafios referentes à **solidariedade na luta pela terra**. É necessário realizar uma opção missionária pela visão indígena da terra: espaço para ser povo, herança recebida, infra-estrutura do sistema religioso, etc., em contraposição à visão da sociedade hegemônica, que vê a terra como negócio. Esta opção não é arbitrária, mas motivada pela sua maior sintonia com os valores do evangelho. O desafio da terra implica, também, alçar uma voz de protesto e de proposta diante das agressões ao território indígena miskito. A solidariedade da Igreja na luta pela terra dos povos indígenas representa uma via de mão dupla, onde a Igreja se enriquece com os valores indígenas e onde o povo indígena recebe a força e a esperança da longa tradição bíblica e da constante reflexão teológica da Igreja.

3. Desafios referentes ao **fortalecimento da identidade**. O papel missionário neste desafio visa o fortalecimento do direito do povo miskito a ser diferente e a relacionar-se em plano de igualdade com os outros povos da terra. Identidade não é sinônimo de isolamento. Manter a identidade significa enfrentar-se à homogeneidade empobrecedora para garantir o direito à heterogeneidade criadora. A presença missionária pode, e deve, ajudar na reflexão sobre os mitos próprios, já que, através deles recriam-se as raízes históricas e interpretam-se os problemas presentes nas próprias claves indígenas. No caso particular do povo miskito tem uma importância especial o fortalecimento da mulher no seu papel de agente primordial de transmissão cultural e de conservação da identidade do povo.

4. Desafios referentes ao **respeito da sua legítima autonomia**. Este desafio apresenta-se de uma maneira dupla para a Igreja. Primeiramente,

¹⁵Em referência aos povos indígenas, a CNBB, na Campanha da Fraternidade, explicita o sentido da missão como *don de vida*: “[...] é urgente consolidar o Evangelho, a Boa Nova anunciada por Jesus Cristo: ‘eu vim para que todos tenham vida... e a tenham em plenitude’.(Jo 10,10) Plenitude significa viver em comunhão com Deus, mas também viver inteiramente a cidadania, tendo direito ao trabalho, ao lazer, ao prazer, à moradia, escola, assistência à saúde, o direito de ser diferente e de ser valorizado nas diferenças. Direito de ser cada vez mais respeitado como pessoa humana, numa sociedade que constrói, ao caminhar, o Reino Anunciado, a ‘terra sem males’”. In: CNBB. *Por uma terra sem males*: Fraternidade e Povos Indígenas, Texto base da Campanha da fraternidade 2002. São Paulo: Editora Salesiana, 2001, 241.

em face da sociedade, trata-se do trabalho missionário solidário para que a sociedade hegemônica reconheça a legítima autonomia do povo miskito. Neste campo, a dimensão sóciopolítica da fé e a trabalho da Igreja para alcançar um reconhecimento dos direitos dos *pequenos*, neste caso dos indígenas, pode ser uma importante contribuição a um *pacto social* que permita a vida para todos. Em segundo lugar, ao interior da Igreja, trata-se de respeitar o legítimo protagonismo que o indígena deve ter na sua própria evangelização. Entendendo a missão como *dom de vida*, não como conquista espiritual, progredir a cada dia para uma Igreja Católica Miskita, com seus líderes, sua reflexão teológica e suas formas organizativas próprias.

Para enfrentar os desafios anteriores, com mínimas possibilidades de sucesso, é necessário apoiar a presença missionária entre o povo miskito em fundamentos teóricos sólidos que garantam, de forma razoável, que os princípios inspiradores, as opções realizadas, os métodos empregados, os planos pastorais... são adequados, acertados e relevantes.

CONCLUSÃO

No momento final deste artigo, quero fazer uma referência à dimensão escatológica. Esta não tem um tratamento explícito na dissertação, devido, sobretudo, às características do tema principal e ao desejo de salientar o compromisso histórico na tarefa missionária, porém, de maneira implícita, percorre todo o discurso. Obviamente, e sem cair numa visão meramente histórica que exclua a dimensão transcendente, não se fala aqui duma perspectiva escatológica que, devido a sua fixação na parúsia, se desligue dos problemas do mundo e debilite a missão cristã. Estou plenamente consciente de que, no meio das dificuldades e dos desafios da missão, “se desligarmos o farol da escatologia, só nos resta tatear na escuridão e no desespero”¹⁶.

Ms. Enrique Alagarda Nacher

Mestre em Teologia Dogmática, com concentração em Missiologia

¹⁶ BOSCH, David J. *Missão transformadora...* p. 608.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1997.

JUAN PABLO II. *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991.

PABLO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Loyola, 1976.

CELAM. *Conclusões da IV Conferência de Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CNBB. *Por uma terra sem males: Fraternidade e Povos Indígenas*, Texto base da Campanha da fraternidade 2002. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

I CONSULTA ECUMÊNICA de pastoral indigenista. Brasília, 1983. APUD: PRÉZIA, Benedito (Org.). *Caminhando na luta e na esperança: Retrospectiva dos últimos 60 anos da Pastoral Indigenista e dos 30 anos do CIMI*. São Paulo: CIMI; Cáritas Brasileira; Loyola, 2003, p. 165-176.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo-RS: Editora Sinodal, 2002.

SUESS, Paulo. Nevoeiro no cenário da missão. Novas tendências e recentes documentos eclesiais. Análise crítica. **Concilium**. n. 252. p. 119-133. 1994.

VANTHUY NETO, Raimundo. *Dirigir almas e servir ao jeito de muitos: A missão dos beneditinos junto aos povos indígenas de Roraima – 1909/1948*. 2000. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Centro Universitário Assunção, São Paulo.